

UMA BREVE NOTA DA HISTÓRIA DO USO DE PLANTAS PSICOATIVAS NA HUMANIDADE

A BRIEF NOTE ON THE HISTORY OF THE USE OF PSYCHOACTIVE PLANTS IN HUMANITY

Patrick Walsh Netto^{1*}

1. Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em sociologia da UnB.

*Autor correspondente: E-mail: p.wnetto@gmail.com

O uso de plantas tidas como sagradas por determinadas culturas remonta a tempos ancestrais de tal maneira que se tem postulado que a ideia mesmo do sagrado e da divindade surgiu como resultado dos sobrenaturais efeitos de seus agentes [1]. Um dos mais proeminentes estudiosos deste campo, o etnofarmacólogo Richard Schultes [2], ressalta que as plantas que contém moléculas psicoativas foram a base para o desenvolvimento de formas de vida superiores, do reino animal e, finalmente, do ser humano. Esta íntima relação entre o mundo vegetal e o organismo humano se manifesta em particular em algumas plantas que, por meio das substâncias químicas produzidas por elas, exercem uma profunda influência sobre a consciência humana, despertando a mente e o espírito do homem.

Os efeitos maravilhosos, muitas vezes inexplicáveis e até pavorosos destas plantas explicam a importância que tiveram na vida religiosa das culturas antigas e a veneração com que são tratadas ainda por certos grupos nativos que tem conservado o seu uso como parte de suas tradições. Porém, na atualidade este fenômeno não está circunscrito a sociedades tradicionais. Uma parte significativa de religiões que surgiram no seio da floresta amazônica, chegaram aos meios urbanos e se utilizam de plantas, que contém substâncias psicoativas, como parte do seu sacramento.

Desta forma, não estamos falando de um fenômeno recente, já que o uso de plantas que elevam a consciência tem sido parte da experiência humana por milênios. No entanto, só recentemente tem sido “objeto” de interesse por parte da cultura ocidental. Ainda que o uso dos visionários vegetais seja surpreendente para boa parte da sociedade ocidental que, na maior parte das vezes, encara seu uso como frívolo ou perigoso ou, na melhor das hipóteses, estes são utilizados para tratamento de doenças mentais graves, quando não há outro método disponível [3].

Até o final do século XIX, o interesse na Europa pelas substâncias psicoativas foi bem pequena. Uma parte disto se devia ao pequeno conhecimento destas substâncias, restrito a grupos de intelectuais

outsiders que fizeram experiências com o ópio e com a morfina [4]. Porém, o acesso a estas substâncias era escasso e perigoso.

Este panorama passa a mudar a partir da descoberta da mescalina, o princípio ativo do Peyote, um cacto nativo do novo mundo. Daí em diante o conhecimento destas plantas foi aumentando por meio de pesquisas conduzidas por etnobotânicos que passaram a catalogar as variedades de plantas na Amazônia e por químicos que construíram técnicas para isolar as propriedades químicas de determinadas plantas a exemplo da mescalina, que foi isolada do Peyote por químicos alemães [5,6].

O interesse era ainda bem pequeno dada a ausência de um campo médico científico que compreendesse os efeitos destas substâncias. Ainda que Freud tivesse um entusiasmo em relação à cocaína e ao tabaco, a maior parte dos seus discípulos não partilhava da sua atração. Soma-se a este quadro a interpretação dada pela psicanálise freudiana, dominante durante este período, aos fenômenos religiosos e às experiências espirituais vistos com desconfiança, vislumbrando aí um mecanismo de defesa contra os medos e os desejos infantis.

Este quadro mudaria com a descoberta do LSD no ano de 1938 [7]. O químico suíço Albert Hofmann trabalhava na divisão de produtos naturais dos laboratórios Sandoz, procurando um medicamento que pudesse auxiliar no controle da hemorragia uterina pós-parto. Um destes compostos era um fungo do centeio chamado LSD-25 (Dietilamida de Ácido Lisérgico). Os efeitos no útero de animais foram mínimos, o que fez com que Hofmann abandonasse o projeto. Após cinco anos, um pressentimento o levou a examinar novamente o composto e “acidentalmente” descobriu seus efeitos psicodélicos. Descobriu também que uma dose de LSD era mil vezes mais potente que a mescalina.

A descoberta do LSD somada à descoberta da toracina causou uma revolução na psiquiatria, inclusive, criando uma nova especialidade chamada “psiquiatria biológica”, que é uma disciplina que estuda a relação entre a mente humana e o comportamento químico do cérebro. As pesquisas com estas duas substâncias levaram ao conhecimento das propriedades e do funcionamento da serotonina. As pesquisas demonstraram que a serotonina é o primeiro neurotransmissor conhecido e a partir de experimentos identificaram semelhanças entre o funcionamento do LSD e da serotonina.

Por esta descoberta, o LSD se tornou naquele tempo a ferramenta mais poderosa para aprender como é o funcionamento acerca das relações entre o cérebro e a mente. Os laboratórios Sandoz distribuíram gratuitamente LSD para investigadores no mundo inteiro com o intuito de induzir um breve estado psicótico em voluntários normais. O que se buscava com essas experiências era jogar luz nos transtornos psicóticos.

Algumas pesquisas apontavam para um melhor sucesso da psicoterapia relacionado ao uso de psicoativos. Muitos pesquisadores apontavam as transformações nos indivíduos como resultado de

experiências místicas induzidas pelo uso de psicoativos. No entanto, as pesquisas passaram a sair do controle e do seu objetivo inicial, que era auxiliar pessoas com problemas ligados à saúde mental [8].

Nos anos sessenta do século passado, são recorrentes na grande mídia relatos sobre indivíduos que tinham surtado, cometido suicídio, assassinatos, todos pseudomotivados pelo uso dos psicoativos. O governo e os meios de comunicação dos EUA acusavam os meios científicos de terem perdido o controle do uso destas substâncias. Obviamente, existiu muito exagero que exacerbou o lado negativo dos efeitos físicos e psicológicos. Somou-se a isso a postura do Dr. Timothy Leary e sua equipe de Harvard ter abandonado os meios acadêmicos e os princípios que regem a pesquisa para distribuir LSD em comunidades alternativas nos EUA [4,7,8].

Nos últimos anos, porém, tem-se assistido a um crescimento do interesse por seu uso religioso, suas aplicações medicinais e terapêuticas. Nas últimas duas décadas muitos avanços foram feitos em pesquisas com os mais variados psicoativos, mostrando sua eficácia no tratamento de diversos males de saúde, assim como a reestruturação psicossocial de vários indivíduos que passaram por transformações significativas em suas vidas ao ingerir substância psicoativas em contexto religioso ou terapêutico [7].

Segundo Schultes e Hofmann [2], ainda que o conhecimento a respeito destas plantas tenha crescido no que toca ao emprego de seus compostos químicos, ainda não somos capazes de valorar plenamente os seus benefícios. Além disso, o conhecimento destas plantas segue restrito aos seus usuários e a um corpo de especialistas da área científica, em especial, profissionais da área de saúde, sociólogos, antropólogos e etnofarmacólogos.

A maior parte dos trabalhos desenvolvidos na área acadêmica, com religiões que fazem uso de substância psicoativa como parte do seu sacramento, reconhecem o uso sincero da fé por seus praticantes, além de compor uma ampla descrição dos benefícios auferidos por seu uso, seja no que toca a transformações em aspectos psicossociais seja em narrativas que apresentam benefícios à saúde. Quando se fala do uso de plantas psicoativas está se tratando da origem das técnicas xamânica e do berço de ritos religiosos de antigas civilizações, já que estas plantas foram usadas como meio de comunicação entre este plano e um outro sobrenatural. Ainda que esta comunicação fosse temporária tinha e tem consequências socioculturais nas sociedades que fizeram e fazem uso destas plantas [2,3].

O seu uso é tão importante e seu conhecimento ainda tão restrito que fez com que o eminente historiador das religiões Mircea Eliade, no fim de sua vida, orientasse os seus estudantes a ter uma atenção com este campo de estudo que estava renascendo em meados do século XX e que considerou o futuro da religião [9]. O que teria levado um dos mais importantes mitólogos do século XX a considerar as plantas com o poder de induzir Estados Ampliados de Consciência (EAC) o futuro da religião? Eliade percorreu em sua vasta obra caminhos que são atravessados pelas plantas psicoativas:

a origem mitológica dos elementos da natureza, a alquimia, as mitologias ocidentais e orientais etc. Ainda que este autor não tenha escrito a respeito e até mesmo feito silêncio destas plantas em sua grandiosa obra, a indicação dada aos seus alunos e orientandos de que a utilização destas plantas como sacramento são o futuro da religião e que, portanto, se dedicassem a estudá-las, nos mostra um sinal, uma evidência de sua importância para a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

-
- [1]. MCKENNA, T. **O pão dos deuses: em busca da árvore do conhecimento original uma história radical das plantas, das drogas e da evolução humana.** Porto: Via Óptima, 2014.
- [2]. SCHULTES, R. E; HOFMANN, A. **Plantas de los dioses: orígenes del uso de los alucinógenos.** México: FCE, 2000.
- [3]. MCKENNA, D. J. **Ayahuasca: An ethnopharmacologic history.** In R. Metzner (Ed.), *Ayahuasca: Hallucinogens, Consciousness, and the Spirit of Nature* (pp. 187–213). New York: Thunder’s Mouth Press. 1999.
- [4]. STRASSMAN, R. **DMT: la molécula del espíritu: las revolucionarias investigaciones de un médico sobre la biología de las experiencias místicas y cercanas a la muerte.** Rochester: Park Street Press, 2013.
- [5]. HOFFMAN, A. **LSD: minha criança problema.** Disponível em <<http://psicodelia.org/noticias/lsd-minha-crianca-problema-de-albert-hofmann>> , [Acesso em 20/12/2017].
- [6]. SMITH, H. **Cleansing the doors of perception: the religious significance of entheogenic plants and chemicals.** New York, NY: Sentient Publications, 2003.
- [7]. MASTERS, R.E.L. **The varieties of psychedelic experience: the classic guide to the effects of LSD on the human psyche.** Rochester: Park Street Press, 2000.
- [8] LEARY, T. **Flashbacks “surfando no caos”: uma autobiografia.** São Paulo: Becca Produções Culturais, 1999.
- [9] FORTE, R. **Entheogens and the future of religion.** Rochester: Park Street Press, 2012.